

A ESCOLA E SUA EMPREITADA DE CONTROLE, DOMESTICAÇÃO DOS CORPOS E MANUTENÇÃO DAS DESIGUALDADES: UM OLHAR CRÍTICO DO FILME *“ESCRITORES DA LIBERDADE”*

PROF. MS. ANDRÉ LUIZ LORENÇÃO ¹

RESUMO

A escola deve ser o ambiente destinado a formar cidadão crítico, sujeitos pensantes. Contudo, sua preocupação comumente recai, primeiramente, em garantir a disciplina, assegurar a ordem e controle dos corpos, exercendo papel de vigilância estrita. O filme, objeto de nosso estudo, demonstra como esse pensamento e filosofia das instituições escolares podem contribuir para reforçar e acentuar as desigualdades - ao invés de a escola cumprir sua função, a saber, mitigar as diferenças sociais e acolher a diversidade, assim como promover a igualdade, a educação crítica.

Palavras-chave: educação; igualdade; controle; cidadão crítico, desconstrução.

ABSTRACT

The school is supposed to be the environment that is responsible to promote and encourage critical thinkers. Nevertheless, the school main concern commonly focuses on an attempt to guarantee discipline and control students' body, behavior and attitudes. The film, which this paper is based on, evinces that this school positioning and philosophy contributes to reinforce and increase social inequality. The role of teaching should be to form critical thinkers, as well as an effort to diminish inequality and promote diversity, equal rights and conditions.

Keywords: education; equality; control; critical citizen; deconstruction.

¹ Mestre em Letras – Mestrado em Literaturas pela USP Graduado e Licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo – FFLCH/USP, Licenciado em Pedagogia - Contato: andrelorencao@yahoo.com.br

“Escritores da Liberdade” mostra os desafios de uma professora recém-formada, Erin Gruwell, que leciona inglês e literatura para jovens da periferia de Long Beach, Los Angeles, Califórnia. Em sala, depara-se com diversas situações de violência, como brigas entre alunos, porte de armas. As atitudes dos alunos demonstram desrespeito, descrença, desobediência e indiferença, além de diversos conflitos raciais e étnicos. Vemos, claramente, a divisão de alunos em grupos, em “tribos”, nesse primeiro momento do filme, de modo que os brancos interagem somente com os brancos, bem como os negros limitam seu círculo social com outros alunos negros, latinos somente com latinos, sendo divisões em tribos tais como a “branquelândia”, o “gueto”, “Camboja”. A relação interpessoal entre aluno-aluno e aluno-professora se mostra extremamente delicada e conflituosa. No primeiro dia de aula, a docente Erin já percebe o obstáculo que terá pela frente e deverá ser superado, visto que os alunos ignoram sua presença em sala, desrespeitando sua figura, além de agredir uns aos outros e não se mostrarem motivados a prosseguir os estudos. No âmbito familiar, vemos que os alunos da escola carecem de uma estrutura que ofereça suporte, sendo provenientes de famílias desestruturadas, com irmãos presos, pais ausentes ou que abandonaram os lares, mães em situação de depressão e indiferentes aos filhos, situações de despejo e falta de moradia, além de terem sido submetidos a situações de violência e preconceito racial. Em uma passagem do filme, alunos realizam depoimentos, em que narram diversas situações de opressão e violência, sofrida por eles e seus familiares, em virtude de sua cor de pele, raça, condição socioeconômica. Narram situações em que oficiais invadiram suas residências e agrediram de modo gratuito e aleatório suas famílias, flagrando pai e mãe sendo agredidos e violentados sem nenhuma motivação aparente. Um dos alunos da sala, inclusive, já esteve preso injustamente por um crime não cometido.

O filme “Escritores da Liberdade” aponta diversas falas e posicionamentos investidos de preconceitos, sendo vozes partindo de professores, diretor e chefe de departamento, que comprovam a indiferença, descaso e descrença com os alunos da instituição escolar. A título de exemplo, em uma passagem da obra cinematográfica na qual

a professora novata deseja incentivar a leitura de obras literárias clássicas e crítico-reflexivas, como “O Diário de Anne Frank”, se depara com a negativa da chefe de departamento, afirmando que os alunos não têm capacidade para a leitura de obras densas, sendo que o máximo que conseguiriam seria ler Romeu e Julieta na versão reduzida, condensada. Ao propor à direção a obra *Odisséia*, a recém-formada docente se depara com a seguinte linha argumentativa:

“- Não dê Odisséia, pois os alunos não conseguem ler. Não dê dever de casa, pois usam três ônibus para locomoção até a escola e da escola para casa.” E prossegue, dizendo: “Lindo colar de pérolas, mas eu não usaria na aula”.

Prossegue dizendo que os alunos não devem receber os livros a eles destinados, pois não devolverão e, se o fizerem, entregarão estragados, com desenhos e rabiscos, de modo que a escola não tem orçamento para comprar livros novos todo semestre. A fala da Sra. Campbell, que exerce um cargo de grande importância na instituição, denota um posicionamento investido de preconceito e descaso com a educação, negando-se a fornecer livros destinados aos alunos e preferindo-se manter tais materiais armazenados e inutilizáveis, até que se deteriorem em bibliotecas e estoques. Verifica-se, portanto, que o aprendizado e a transmissão de cultura, que deveriam ocupar papel central na escola, são delegados a um plano secundário, de modo que a preocupação central está em manter o controle dos corpos e a disciplina em sala de aula. Isso é evidenciado em outra fala da Sra. Campbell, abaixo reproduzida:

“- Você não pode tentar fazer alguém querer uma educação. O melhor que pode fazer é tentar garantir que queiram obedecer e ter disciplina. Já é uma realização enorme para eles”, afirma a chefe de departamento.

Esta posição de discurso vai ao encontro das teorias de Michel Foucault, que vê a escola como um ambiente de domesticação dos corpos, preocupada essencialmente em garantir e assegurar o controle e obediência dos alunos. Desta maneira, a instituição escolar, ao invés de

investir no aprendizado e transmissão de novos conhecimentos, de modo a preparar alunos para exercer senso crítico e desenvolver posicionamento analítico diante das situações, investe-se nos poderes e dispende sua energia na manutenção da ordem, visando vigiar e controlar as ações dos discentes. Assim, a escola assume para si as funções de vigilância e controle, preocupada em domesticar corpos, punir, manter a ordem, e delegando ao ensino e aprendizado um papel de antagonista neste processo.

Além de investir-se das funções de vigiar, punir, domesticar corpos e tentar assegurar a ordem, a escola também atua como mantenedora das desigualdades sociais, sendo uma instituição conservadora e tradicional. Ao invés de cumprir sua função, de possibilitar a mobilidade social, oferecendo a possibilidade de melhoria das condições de vida dos alunos e mudança de sua realidade, a escola acaba por reforçar as desigualdades e reproduzir o sistema capitalista, conforme lemos em Pierre Bourdieu, na obra *Escritos de Educação*. Essa visão da escola como conservadora e reprodutora das desigualdades também se faz evidente em diversas passagens e falas das personagens, como vemos abaixo, no discurso da chefe de departamento Margaret Campbell:

“- desde a integração voluntária fez nossa escola perder alunos”

E este discurso conservador também é flagrante na fala de um professor veterano à novata docente Erin Gruwell:

“- Não insista neles, professora. Até o 3º ano, os garotos terão sumido. No final, eles param de vir”, assumindo a situação da desistência, da evasão escolar como natural e inevitável.

Desse modo, o professor veterano, antigo de casa, ao invés de questionar e repensar o seu trabalho docente e os reais motivos que levam os alunos a evadirem da escola, como a falta de motivação, a não identificação com os temas tratados, a sensação de não pertencimento e o conservadorismo das instituições escolares, opta por negligenciar tais aspectos e culpar os alunos por seu fracasso escolar.

Conforme afirma José Gimeno Sacristán, na obra **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**, a escola deve produzir saberes significativos, com os quais os alunos se identifiquem e que dialoguem com a realidade do aluno e valorizem seus conhecimentos prévios, seus saberes enciclopédicos, suas experiências de vida. Isso significa fazer associações com situações do dia a dia dos alunos, bem como estimular os alunos a trazer e compartilhar em sala de aula suas experiências de mundo, seus saberes, e a partir dos conhecimentos já existentes, isto é, partindo da bagagem cultural e dos conhecimentos prévios dos alunos, acrescentar novos saberes que enriqueçam, agreguem e façam sentido para esse aluno. O autor Gimeno Sacristán, na referida obra, ao tratar sobre os conteúdos e estruturação do currículo, afirma:

Toda experiência pedagógica, toda ação didática supõem o propósito de mediação, correção e estímulo da experiência do encontro entre um sujeito que exerce uma série de funções sobre o sujeito que detém um conteúdo, ou desenvolve diversas capacidades, de modo que sejam transformadas e enriquecidas tais funções e capacidades que, de maneira geral, chamamos aprendizagem. Para que esse encontro seja frutífero, o conteúdo tem de ser significativo, relevante e desafiador, características que têm maior probabilidade de estar presentes se o encontro também tiver sido adequadamente mediado (grifo do autor) e se for motivador. (SACRISTÁN, p. 30)

Vemos, assim, que os conteúdos transmitidos devem ser relevantes, desafiadores, significativos aos alunos, isto é, o currículo também deve estar estruturado levando-se em consideração a realidade do aluno, suas experiências e conhecimentos. De nada adianta tratar de temas distantes da sua realidade, com alto grau de abstração e não reconhecíveis, identificáveis e palpáveis a este aluno, visto que poderá gerar desmotivação e desinteresse. Aproximar-se da vivência do aluno e de suas experiências prévias, de seu contexto social, enveredando-se para algo tangível e próximo a este discente, são estratégias que aumentam e aguçam seu interesse.

Frente à situação de desordem e desinteresse da turma, a professora Erin Gruwell decide aproximar-se do grupo de alunos, primeiramente, trazendo conteúdos que julga importantes e significativos para uma turma tão heterogênea e desafiadora. Assim, altera a proposta do currículo inicialmente pensado pela instituição, e aborda temas que considera mais relevantes e próximos da realidade dos alunos, despertando o interesse da turma. Dentre os conteúdos contemplados, a fim de analisar rimas internas, traz a análise de um estilo musical familiar aos alunos, o Rap, e que traz aspectos de protesto, reivindicação, e com o qual os alunos se identificam e interessam e próximo à realidade dos mesmos, integrando seu universo cultural. Discorre, ainda, a respeito do holocausto e da tortura de judeus durante a guerra, a fim de tratar de temas como racismo e segregação.

A professora tem sua sensibilidade apurada e esse processo de humanização ocorre, principalmente, após uma situação de bullying contra uma das alunas, por meio de um desenho em que esta aluna negra é retratada com lábios grandes, grossos. Ao invés de esbravejar contra os alunos e puni-los, como frequentemente ocorre nas escolas, a docente se aproveita desta situação para tratar de questões pertinentes e relevantes, como o respeito ao próximo e às diferenças. A respeito deste fato, a docente Erin aproveita-se para tratar de arte e fazer alusão ao desenho realizado de um judeu em um museu, dizendo: “Era desenho de todos judeus, e foi posto em jornal pela gangue mais famosa da História”. Prossegue afirmando que “essa gangue dominou países, dizimando todos os outros aos quais culpavam pela vida dura que tinham. Colocavam negros com lábios grandes e beiços grossos, bem como judeus com narizes grandes e compridos. Publicavam evidências científicas que comprovam que judeus e negros eram a raça mais inferior da espécie humana. Eram vistos como animais e, assim sendo, não importava se vivessem ou se morressem. A vida seria melhor se estivessem mortos”, afirmavam e defendiam à época, e é assim que o holocausto aconteceu.

Acima, vemos que a docente soube se apropriar de uma situação desconfortável para ministrar uma aula sobre História, de conscientização dos alunos, tratando de duas situações: o holocausto e o racismo estrutural. Os indivíduos de raça branca estabeleceram uma estratégia para justificar

a “inferioridade” do outro, sua dependência e exploração, legitimando seus atos – o racismo estrutural. Além disso, a diferença impressa no corpo negro pela cor da pele e demais sinais diacríticos (nariz, cabelo, formato da face) serviu como mais um argumento para justificar a colonização e, desse modo, encobrir as reais intencionalidades econômicas e políticas. Tais sinais também serviram de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de lealdade que persegue o negro até os dias atuais. Verifica-se, de modo evidente, uma colonização do corpo e da mente. Outra ideologia (falsa consciência) a fim de justificar a colonização e inferioridade consiste em afirmar que os negros são selvagens e, em virtude desse fato, necessitariam ser domesticados. Nesse sentido, vemos uma tentativa e um esforço de naturalizar a condição a qual o negro é submetido, de inferiorização e exploração, assentando-se na ideia de que fatores históricos e sociais condenam o negro a tal situação, da qual não há possibilidade de fugir sendo um fato dado, historicamente determinado. Em outras palavras, utiliza-se a ideologia – nessa acepção de falsa consciência – para tentar justificar e legitimar uma situação de exploração e com o intuito de falsamente endossar uma suposta inferioridade do negro – e, também, para justificar sua exclusão da literatura, das obras canônicas e seu apagamento dos livros didáticos.

Em relação aos conteúdos aceitos e os que são menosprezados no currículo, o autor Gimeno Sacristán, na obra **Saberes e Incertezas sobre o Currículo**, afirma:

Não é algo neutro, universal e imóvel, mas um território controverso e mesmo conflituoso a respeito do qual se tomam decisões, são feitas opções e se age de acordo com orientações que não são as únicas possíveis. (...)

O que adotamos como conteúdo no currículo, e o que deixamos de lado? Depois, temos de nos fazer as perguntas sobre o valor que o currículo escolhido tem para os indivíduos e para a sociedade, bem como qual valor permanece dentro dessa opção. O conteúdo que regula os aspectos estruturadores sobre os quais falamos tem o mesmo valor para todos?

Logo, vemos que o currículo é uma seleção que, por vezes, atende aos interesses das classes dominadoras, tendo sido concebido, formulado por esta classe social da elite. E corrobora a ideia de que a escola é mantenedora da estrutura social vigente, privilegiando as elites conservadoras e colaborando para perpetuar as desigualdades e o abismo entre as classes.

A esse respeito, merece consideração o posicionamento de uma das alunas da escola, que afirma que a professora não sabe a dor que eles (negros) sentem e vivem e que ela, ao ensinar a “droga” da gramática, não tem respeito nenhum pelo modo eles, negros e pobres, vivem. E acrescenta o questionamento: “o que você faz aqui que muda alguma coisa em minha vida?”, concluindo que “brancos pensam que dominam o mundo”. É verdade que a escola, ao ensinar e instituir a gramática normativa (norma padrão da língua portuguesa) como a única variação linguística correta e aceitável, mostra-se excludente e privilegia as estruturas da língua dominadas por uma pequena parcela elitizada da sociedade, que tem acesso a bens materiais, culturais, em detrimento a variação linguística popular e de uso diário e contínuo, considerando tal variedade como desvio da norma culta e, portanto, inaceitável nos padrões da língua e índice de baixa escolarização. Assim, ao considerar a norma padrão culta como a única variedade aceitável e digna de ser lecionada nas escolas, apagando e distanciando-se das variações linguísticas e da linguagem popular, as instituições escolares contribuem para que alunos de classe social humilde – e que não têm acesso ao capital cultural das classes hegemônicas – não se identifiquem com a escola e, assim, evadindo-se do ambiente ou vendo a instituição escolar como uma tortura, uma prisão, um ambiente inóspito e não acolhedor.

Em relação à citação de Sacristán, sobre a seleção de conteúdos para o currículo, flagramos no filme a sábia fala de uma aluna afro-americana, eleita como “avançada”, reivindicar a escolha dos autores e obras da literatura a serem trabalhados em sala, questionando assim o critério de seleção de obras consideradas “cânones da literatura”. A referida aluna questiona sobre a não presença de negros na literatura escolar, não estudar literatura negra (com personagens negros, escrita para negros ou provenientes de escritores negros) visto

que, em suas palavras, “não lêem literatura negra por causa de sexo, droga, palavrão e furtividade” que se acredita conter nas obras de autores negros ou direcionadas à população negra. Dessa maneira, as instituições escolares elegem autores que são tidos como “canônicos” (e em geral, tratam da colonização do branco, de heróis e mitos da pátria, tendo o homem como centro – tal como Robinson Crusoe, de Daniel Defoe), e não se contempla em sala de aula obras-primas como *The Bluest Eye (O olho mais azul)*, de Toni Morrison. Vemos a escola, novamente, atuando com preconceito e segregação.

Vemos que a direção e docentes consideram o programa de integração voluntária uma mentira, de maneira que concebem que essa integração fez a escola “modelo” de antes arruinar-se, virando reformatórios, ao obrigar jovens que não querem estudar e estar na escola serem obrigados a tal. A professora Erin Gruwell, por sua vez, direciona suas ações no caminho contrário e opondo-se às ideias do diretor, da chefe de departamento Sra. Campbell e de outros professores e apostando em seus alunos e na transformação. Além de propor temas de interesse e pertinentes, como o holocausto e sofrimento de minorias, a docente deseja fazer passeios escolares fora da periferia de Long Beach, tendo em vista que a maioria dos alunos nunca saiu desta região, afirmando: “devemos ampliar os horizontes de nossos alunos sobre o que há lá fora, estão ávidos por isso”. A docente encaminha-se ao Distrito Escolar Unificado de Long Beach para buscar apoios de alguém no poder, bem como consegue outros empregos fora do horário de aula a fim de pagar por tais visitas, sem apoio da instituição para tal empreitada.

A docente obtém sucesso na sua proposta, custeando os passeios com seu trabalho, e conduz os alunos ao “Museu da Tolerância”, acompanhado de um jantar em um restaurante. Neste, sobreviventes do holocausto foram convidados a contar suas histórias, seus relatos, suas experiências e perdas – alguns deles perderam toda sua família nos campos de guerra. Os alunos escutam atentamente e respeitosamente, de modo que as histórias relatadas nesse jantar ficariam eternamente marcadas, eternizadas na memória desses discentes. É evidente que a professora Erin Gruwell é diferenciada e possui uma sensibilidade apurada, sendo que sua atitude de conduzir os

alunos a passeios e visitas vai ao encontro da necessidade e importância de agregar, aos alunos, capital cultural, conforme lemos em Bourdieu. De acordo com Pierre Bourdieu, em **Escritos de Educação**, essa noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar” (p.81).

Sabemos que alunos de classe social privilegiada economicamente têm o costume, desde pequenos e incentivados por seus pais, de realizar visitas a museus, galerias de arte, teatros, espaços culturais, espetáculos musicais, bem como acesso a livros, enciclopédias e materiais artísticos. Por vezes, têm criação bilíngue, com pais que dominam dois ou mais idiomas e utilizam esse conhecimento na educação de seus filhos. Contudo, os alunos pertencentes a classes sociais desfavorecidas carecem de tal possibilidade e a escola, por vezes, será a única possibilidade de introdução ao campo da cultura e arte, visto que muitos deles nunca tiveram a chance de ir a uma exposição de arte ou ao teatro até a fase escolar, adolescência ou já adultos. Em consequência, aqueles discentes com o privilégio de maior acesso a música, livros, jornais e atividades culturais têm maior chance de “sucesso” escolar, encontrando maior facilidade em compreender, reter e assimilar os conteúdos apresentados nesta instituição, ao passo que aqueles alunos que carecem deste acesso encontrarão maior dificuldade e a escola, a eles, se apresentará como a “segunda” (e possivelmente a única) chance de começar a ter acesso a tal capital cultural – peças de teatro, visita a museus, obras de arte – do qual ela sempre foi privada.

Além dessa ação da professora Erin Gruwell, possibilitando o enriquecimento dos alunos com capital cultural, do qual tanto carecem e foram ao longo da vida toda privados, por meio de visita a museus, passeios e leitura de obras clássicas e canônicas, como o *Diário de Anne Frank*, que trata da temática do holocausto, a professora empreende ações que despertam imenso interesse dos alunos, tal como o incentivo à constante leitura e a escritura de Diário com anotações pessoais. A proposta da docente consistiu no processo de escrita contínua, diária, fornecendo a cada aluno um diário a fim de que contassem sua própria história. Nesse diário,

a única regra era escrever todos os dias, podendo relatar sobre o seu passado, presente, futuro, bem como músicas que lhes agradam, compor poesias, falar de sua rotina. A professora comprometeu-se a ler os diários somente mediante a autorização e ciência dos alunos, de maneira que aqueles alunos que desejavam ter suas produções lidas e apreciadas pela docente deveriam depositar os diários no armário, com tranca, ao fim da aula.

Os docentes da escola afirmavam que o programa de integração voluntária, tão criticado pelos gestores, não tem sentido se os alunos que chegam ao segundo grau têm um nível de leitura quase infantil, reconhecendo que o que este programa de integração faz é institucionalizar os garotos até desaparecerem. E acrescentam: “por que devem perder tempo indo à escola se sabem que professores estão perdendo tempo ensinando a eles”. “Os alunos não conseguem aprender, então não vamos investir”. No caminho contrário ao dos professores e diretores desta escola, descrentes, incrédulos, desacreditados, indiferentes e negligentes em relação ao corpo discente, a professora Erin demonstra uma atitude de investimento e crença no potencial de seus alunos, desenvolvendo atividades que propiciam o desenvolvimento dessas crianças, aproximando-se da realidade dos alunos, ao mesmo tempo em que lhes apresenta um novo mundo de cultura, introduzindo horizontes culturais inéditos e novas visões da realidade.

A professora consegue humanizar os alunos, sensibiliza-los, e uma das estratégias para tal feito é aproximar-se dos alunos, dar-lhes voz, tal como na atividade proposta para que ficassem em uma linha e se movessem quem já havia perdido um, dois ou mais amigos para gangues, homenageando os amigos queridos. Outra atividade diferenciada consistiu no “brinde à mudança”, que significava que todas as vozes que disseram “você não podem” seriam silenciadas, provando-se o contrário. Assim, afirma a docente, “todos os motivos que dizem que as coisas não vão mudar desaparecerão, e a pessoa que vocês eram antes desse momento, essa voz, acabou. Agora é a sua vez”, salienta a professora. Nesse brinde, os alunos são motivados a narrar depoimentos, histórias pessoais e, mesmo aqueles alunos resistentes, se humanizam, se abraçam e solidarizam uns com os outros. A docente dá voz aos alunos e

compreende sua vocação, a saber, ajudar os seus pupilos a entender suas vidas, e isso faz sentido a ela própria, enquanto docente. Os alunos, por sua vez, mudam sua atitude e olhar perante a escola. Ao invés daquele ambiente pouco acolhedor, visto como prisão, tortura, os alunos reconhecem a escola como “o único lugar em que podemos ser nós mesmos”.

É interessante notar que as mudanças operadas pela professora Erin ultrapassou os muros da escola, não sendo tão somente uma mudança de postura dentro da sala de aula. Com seu apoio, suas orientações e incentivo, os alunos enxergam o mundo de maneira distinta e suas ações são orientadas por este novo olhar. Diversas ações dos alunos demonstram e comprovam os efeitos da escola e da educação para suas escolhas de vida. A título de exemplo, podemos mencionar a situação em que uma das alunas da professora Erin, Eva, ao depor em tribunal, denuncia Paco por ter matado um adolescente negro, optando por dizer a verdade. Se, antes, Eva estava indecisa entre acobertar o homem branco, com medo de represálias, e influenciada até mesmo por sua mãe, que diz “aquele homem que colocou seu pai na cadeia, ele sabia que estava condenando um homem inocente. Mas, você sabe, ele só estava protegendo os seus”, a estudante decide alterar o estado vigente e primar pela verdade, pela justiça, tal como aprendeu que deveria ocorrer. Outra situação que comprova o poder da escola é o retorno de um aluno para sua família, para sua casa, após ter optado por morar na rua. O aluno da professora Erin Gruwell repensa e reavalia sua existência e conclui que não deseja continuar vivendo na rua, que precisava de sua mãe e esta, naturalmente, aceita o filho com alegria de volta ao lar. Logo, vemos que a professora operou verdadeiras transformações na mente e na vida do seu alunado. A educação, assim vemos, traz mudanças de comportamento.

Em relação às problemáticas e crises flagrantes na educação, é interessante salientar os escritos de Hannah Arendt, que em sua obra **A crise na educação**, afirma:

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre

quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva de experiências da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDR, 1990, p. 223).

Em seu texto sobre a educação, Arendt aponta para a perigosa perda da autoridade em nome da liberdade. Segundo ela, ter autoridade não é sustentar uma postura totalitária. Num cenário de pós-guerra, no qual regimes de exceção como o nazi-fascismo que se estabeleceu na Alemanha e na Itália, e o socialismo stalinista, na União Soviética, podem ter levado a filósofa alemã a ponderar que, a contrapartida ocidental, ou seja, a democracia excessivamente permissiva que estava a surgir não seria a resposta adequada para as questões sociais prementes que surgiam, em especial aquelas relacionadas ao tema da educação das crianças.

Para Arendt, essa ambiguidade da perda da autoridade não pode existir na educação e, nem tampouco, na criação familiar. As crianças não devem recusar a autoridade docente ou paterna/materna como se estivessem sendo oprimidas pelos adultos. Segundo Hannah Arendt, na obra *A crise na educação*, a valorização da autonomia do mundo infantil, com a sociedade (estado, escola, família) delegando para a própria criança, um ser em formação, a responsabilidade da condução e governo de suas vidas constituía um grande risco e, até mesmo, de acordo com suas palavras, uma aberração.

O filme “Escritores da Liberdade” nos permite relativizar as considerações da pensadora alemã, uma vez que a professora Erin Gruwell obtém o respeito e empatia de seus alunos com atitudes democráticas e participativas, caracterizando exemplo a proposta de atividade em que os alunos são estimulados a escrever um Diário, relatando suas experiências, angústias e histórias de vida, mas podem optar em submeter seus escritos à docente ou manter para si, caso não se sintam confortáveis em compartilhar ou não desejosos de ter suas produções lidas. Vemos, ainda, que as atividades propostas pela docente Erin levam em consideração as necessidades, interesses e experiências prévias dos alunos, o que motiva a participação de todos nas propostas

e corresponde a um estímulo aos alunos, que sentiam rejeição pelo ambiente escolar por não se enxergarem e reconhecerem nesta instituição. O olhar de aprisionamento, punição e vigilância, antes lançado pelos alunos no tocante à escola, passa a ser substituído por um sentimento de pertencimento, acolhimento, identificação – graças às ações e iniciativas diferenciadas desta professora, com seu olhar sensível e humano.

Os outros docentes, pelo contrário, ainda que notassem claramente o desinteresse, desatenção e repúdio dos alunos quanto aos conteúdos lecionados, mostraram-se em uma “zona de conforto” e não revisitaram suas práticas docentes, de maneira que a situação ideal seria repensar a didática, o currículo e seus métodos e estratégias em sala de aula. Pelo contrário, suas posturas revelavam uma paralisia angustiante, visto que optavam por criticar os alunos, outorgando a eles a culpa pela crise naquele cenário escolar. Ao privar os alunos de acesso a livros e acervo da biblioteca, assim como ao desistir dos educandos e considera-los incapazes, a escola já está fadada ao fracasso. A educação é o meio de fazer a diferença na vida desses alunos, permitindo-lhes reescrever uma nova história e, na maioria das vezes, as instituições escolares são o único e exclusivo meio de acesso à cultura, aos bens culturais por parte de alunos carentes, marginalizados socialmente.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A crise na educação**. Nova Iorque: Viking Press, 1961 (pp.173-196)

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

SACRISTÁN, Gimeno J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.